

Oralidade em língua estrangeira (inglês) como elemento legitimador do “saber” da língua inglesa: resultado do discurso midiático

EDÍLSON PIMENTA FERREIRA

Graduado em Letras e Mestre em Linguística pela UFU, membro do LEP (Laboratório de Estudos Polifônicos), professor efetivo de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro campus Uberlândia

Resumo: Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre a oralidade em língua estrangeira (inglês) e as representações discursivas construídas por estudantes da área de informática em um curso superior no Estado de Minas Gerais. Esta pesquisa foi desenvolvida em uma abordagem inter/transdisciplinar que abrange uma interface entre a Linguística Aplicada (LA), a Análise do Discurso de linha francesa (ADF) e a Análise Dialógica do Discurso (ADD). Foi esboçada a fim de se delinearem os sentidos de oralidade construídos por sujeitos quando ocupam o lugar discursivo de graduandos em Sistemas de Informação, de uma universidade privada no Estado de Minas Gerais, em contexto de aula de inglês instrumental, ou seja, buscamos investigar as representações constitutivas desta oralidade. Atribuiu-se a este estudo a tarefa de descrever, analisar e delinear as representações sobre oralidade em língua inglesa construídas por esses sujeitos graduandos em uma área computacional. Além disso, as vozes, em relação polifônica, evocadas por esses sujeitos para a construção das referidas representações também são descritas e delineadas para, assim, evidenciar em quais formações discursivas se inscrevem as práticas discursivas presentes nos dizeres dos participantes. Busquei, portanto, estudar fatores que incidem no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa a fim de melhor compreender como esses fatores se traduzem na relação que se instaura entre esses sujeitos e sua oralidade nessa língua. Para isso, a Proposta AREDA (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos – SERRANI-INFANTE, 1998) foi utilizada como ferramenta metodológica para a coleta dos depoimentos dos quatro participantes da pesquisa. Do resultado obtido na pesquisa, busquei apresentar neste artigo uma das representações discursivas construídas que mais correspondem ao discurso midiático de ensino de língua inglesa: a oralidade como elemento legitimador do “saber” da língua inglesa. Percebe-se que as práticas discursivas presentes nos dizeres dos enunciadores se encontram circunscritas em algumas formações discursivas (FDs) que denominei: FD do neoliberalismo, FD do empreendedorismo, FD da falta, FD da acuidade linguística e FD da capacitação.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Análise do Discurso; ensino-aprendizagem de língua inglesa; oralidade em língua estrangeira; discurso midiático

Abstract: This article presents results of research about orality in English as a Foreign Language and the discursive representations constructed by students of Computer Science at a University course in Minas Gerais State. This study was developed in an in-

ter/transdisciplinary approach that involves Applied Linguistics (AL), French Discourse Analysis (DA) and Dialogical Discourse Analysis (DDA). It was designed to delineate the orality meanings constructed by subjects when they occupy the discursive place of Information Systems undergraduate, from a private university in the state of Minas Gerais in English for Specific Purposes first term class, and, with this, investigate the constitutive representations of this orality. It was attributed to this study the task to describe, analyze and delineate the representations of orality in English constructed by these computer-field undergraduate subjects; the voices raised, in polyphonic relations, by these subjects to construct the representations and evidence in which discursive formations (DFs) their discursive practices are inscribed. I studied, therefore, factors that interfere in the English language teaching process in order to better understand how these factors are translated in the relation that is established between these subjects and their orality in this language. With that aim, the AREDA (SERRANI-INFANTE, 1998) was utilized as a methodological tool for data collection. From the result, I tried to present in this article one of the discursive representations that most correspond to the mediatic discourse of the English Language Teaching. These representations are interpenetrated and interconstituted and the discursive practices are circumscribed in some DFs that I classified as: DF of neoliberalism, DF of Entrepreneurship, DF of lack, DF of linguistic accuracy and DF of capacitation.

Keywords: Applied Linguistics; Discourse Analysis; English teaching-learning process; orality in foreign languages; mediatic Discourse

Este artigo parte da constatação de que a relação que um sujeito-enunciador mantém com sua oralidade em Língua Inglesa pode ser mais bem compreendida por meio de ressonâncias de modos de dizer. Esta foi uma das conclusões a que chegamos ao propor o estudo que ora apresentamos. A análise dos dados desta pesquisa foi realizada, buscando-se responder às seguintes questões: “como alunos do primeiro período de uma graduação de Sistemas de Informação, cursando a disciplina língua inglesa instrumental, representam a oralidade em língua inglesa”; “que discursividades esses alunos constroem sobre essa oralidade”; “quais são as vozes evocadas por esses alunos para representar essa oralidade”; e em “quais formações discursivas se circunscrevem as práticas discursivas presentes em seus dizeres quando enunciam sobre oralidade em língua inglesa”. Buscou-se também delinear representações mais preponderantes em relação à oralidade em língua inglesa.

Levamos em consideração que a abordagem comunicativa tem sido marca preponderante no ensino de línguas nos institutos de idiomas brasileiros e que os comunicativistas se concentram mais na questão da oralidade (ALMEIDA FILHO, 2003). No entanto, parecia-nos relevante melhor compreender o “fenômeno” da oralidade em meio a uma área computacional.

Sendo assim, a partir dos dizeres dos sujeitos-participantes enunciados no Roteiro AREDA¹ aplicado, pudemos delinear quatro representações que foram mais pre-

¹ AREDA (Análise de Ressonâncias Discursivas em Depoimentos Abertos): nos dizeres da autora, essa proposta faz referência a “estudos de caso que visam a analisar, em depoimentos de enunciadores com experiência bi/multilíngue o funcionamento de ressonâncias discursivas na

dominantemente encontradas em relação à oralidade em língua inglesa, quais sejam: a oralidade como objeto de desejo; a oralidade como possibilidade de ascensão profissional; a oralidade como elemento legitimador do “saber” da língua inglesa; e a oralidade como inscrição de um outro. Certamente, o agrupamento dessas representações é fruto de uma clivagem do que percebemos na enunciação de cada sujeito e das ressonâncias de modo de dizer dos sujeitos participantes. Parece-nos válido, ainda, ressaltar que “enunciar” em uma segunda língua ou estrangeira é diferente de “adquirir” essa língua. Por enunciar entende-se que o que está em questão é “produzir (e compreender/atribuir) efeitos de sentidos² (portanto, muito mais do que informações referenciais)” (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 150).

Percebemos, portanto, que, por vezes, os dizeres dos sujeitos-participantes da pesquisa deixaram resvalar sentidos que somente puderam ser percebidos em nível interdiscursivo, ou seja, a partir dos sentidos que foram atribuídos aos dizeres. Também foram percebidos mecanismos enunciativos de comparação explícita, ou seja, na materialidade discursiva, em nível intradiscursivo, em outros dizeres. Entendemos essa oportunidade como momento oportuno para se tratar de uma das representações que mais nos saltaram aos olhos no estudo desenvolvido: a oralidade como elemento legitimador da “saber” da língua inglesa.

A oralidade como elemento legitimador do “saber” da língua inglesa.

Um primeiro olhar lançado nos permitiu afirmar que é inseparável a relação existente entre a mídia voltada para o ensino-aprendizagem de língua e os sujeitos envolvidos neste processo. A mídia, portanto, propõe um ensino de línguas que é voltado para uma possibilidade de sucesso e ascensão profissional, que nunca havia sido oferecido ao sujeito-aprendiz. Trata-se de um passaporte para um “mundo novo”, um mundo globalizado, um mundo atual. Isso significa conceber a linguagem como mediação necessária entre o homem e sua realidade social, “fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2002, p. 15).

Ao partirmos da premissa de que a venda deste “passaporte” (e, por conseguinte, esta mediação) é feita em um número crescente de estabelecimentos de ensino e que esta venda tem rendido à língua inglesa um caráter eminentemente comercial, ou seja, tem-se considerado a língua inglesa como um objeto de grande procura no mercado atual, acreditamos ser pertinente registrarmos neste artigo o momento de espetacularização³ do ensino de língua inglesa pelo qual passa o Brasil.

construção de representações de processos identificatórios em jogo no processo de enunciação em segunda(s) língua” (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 151).

² Para Serrani-Infante (1998), essa é uma concepção discursiva do implícito, em que ele é estudado “em sua ligação constitutiva com posições ideológicas e inconscientes” (p. 150).

³ Termo emprestado de Gregolin (2004), que remete ao argumento de Debord (1997), de que nas sociedades em que reinam as modernas condições de produção, instalou-se definitivamente a

Esta espetacularização tem afetado o imaginário nacional e a atual constituição da nossa identidade. Nesta pesquisa, observamos que quando enunciam sobre sua relação com a língua inglesa, sujeitos deixam resvalar vozes que são evocadas para mostrar a alteridade existente entre os sujeitos-enunciadores e sua relação com a oralidade em língua inglesa. Essa representação revelará a concepção de linguagem que possuem os enunciadores. É nesse momento que detecta-se “uma forte tendência para se valorizar um ensino e uma aprendizagem comunicativos de uma língua-alvo” (ALMEIDA FILHO, 2005, p. 78).

É sabido que diversos profissionais da área de TI acreditam que, no rol de suas várias atribuições, encontram-se, como elementos fundamentais, a função de dirimir problemas cotidianos oriundos do trabalho e propor encaminhamentos para que tais problemas possam ser sanados. Na chamada “nova economia”, em que há o fortalecimento do comércio eletrônico e o uso de tecnologias de informação, prega-se a interoperabilidade entre máquinas e seres humanos, bem como a “quebra de barreiras” entre países e a integração dos trabalhos de vários países com um único intuito: melhorar a qualidade do serviço tecnológico de uma empresa. Dessa maneira, ainda que seja incipiente o número de estudos que mostram a relevância da língua inglesa para que haja, nas empresas, melhor resolução de problemas, acredita-se que organizações de grande porte terão profissionais de vários países trabalhando juntos; teriam, em geral, problemas envolvendo mais de uma subárea na empresa e, portanto, contariam com vários profissionais, comunicando-se em língua inglesa falada, para dirimir tais problemas. Acreditamos que esse cenário sirva de elemento constituinte e constitutivo de algumas das discursividades presentes na sociedade sobre a língua inglesa.

O ensino de língua Inglesa propiciaria ao falante, portanto, a oportunidade de interação no mundo social (científico, tecnológico, humano), o que lhe faria entrar em contato com outras civilizações e culturas, competência enfatizada como fundamental no ensino e mercado de trabalho atual e ratificaria a noção de que “O inglês é o Latim dos nossos tempos” (MOITA LOPES, 2005).

Parece-nos, ainda, relevante mencionar que no imaginário social as quatro habilidades no processo de ensino aprendizagem de línguas (ler, escrever, falar e ouvir) tenham se fundido em uma única habilidade e que o sujeito-cliente-aprendiz tenha se sentido interpelado⁴ pelo discurso da supremacia da oralidade na língua inglesa. Acreditamos que esse processo de enunciar oralmente em língua inglesa, na intenção de que outras habilidades o constituiriam como sujeitos-falantes da língua inglesa (escrita, leitura etc), pode ter sido construído na ilusão de que eles se fazem entender tão somente em língua inglesa falada e que, conforme pregam os discursos midiáticos, saber inglês é, de fato, falar inglês (GUILHERME DE CASTRO, 2004).

A mídia tem transformado os processos de comunicação e suscitado diferentes formas de subjetivação humana, ao lançar mão de estratégias interacionais, tais como o

“sociedade do espetáculo”, na qual tudo que é vivido, tudo se torna uma representação, e todas as relações sociais são mediadas por imagens.

⁴ Utilizamos o conceito de interpelação com base nos estudos pechêuticos, em que a língua serve como uma das formas de materialização da ideologia e interpelação, a fim de convidar o sujeito a buscar convencer outras pessoas a uma tomada de posição no discurso.

uso de perguntas instigadoras e provocadoras e a apresentação de depoimentos pessoais de pessoas que teriam tido sucesso (sobretudo as pessoas famosas) por meio da fala em língua inglesa e não por meio da escrita, da audição ou da leitura.

Acreditamos que essa influência da mídia e esse enaltecimento do falar em detrimento do escrever, ler e ouvir podem inter e intradiscursivamente ser observados nas formulações abaixo, extraídas de nossa pesquisa:

(SD23)

(Jaison): ... COM CERTEZA, após a graduação eu pretendo continuar estudando Inglês, não só o Inglês como outras Línguas também porque isso faz a diferença hoje no mercado de trabalho eee, é uma necessidade muito grande no profissional de TI, tanto para estar relacionando-se com outras pessoas, éeee, no ambiente de trabalho, pois, o profissional em TI, ele nem sempre vai estar, éeee, em uma só cidade, é .., em um só país, ele vai estar sempre buscando o melhor em outros lugares, em outros ambientes, que possam vir a necessitar de uma outra Língua e principalmente a Língua Inglesa, que hoje é uma das Línguas universais.

(SD24)

(Jaison): ... para mim, ter competência oral em uma Língua Inglesa, é, seria assim, eu realmente ter conseguido aprender Inglês e sair com uma vantagem superior enorme, em busca de um trabalho, de um emprego em minha área.

(SD25)

(Marcelo): Basicamente, toda a linguagem da informática é *Inglesa* logo, todo termo técnico em Inglês é essencialmente importante para minha profissão que é... profissional da tecnologia da informação

Os dois enunciadores⁵, nas três sequências discursivas, no nosso entendimento, deixam transparecer um engendramento entre duas formas complementares de conceber a oralidade: a oralidade como saber inglês e a oralidade como elemento legitimador desse espaço de sucesso profissional na área de TI. Essa forma de conceber a oralidade, a nosso ver, é atravessada por uma interpelação do sujeito pela ideologia. Os sujeitos são, assim, interpelados pela ideologia sem que deem conta dessa interpelação, o que torna possível dizer que não existe sujeito sem ideologia (PÊCHEUX, 1997).

Parece-nos que o desejo de “com certeza” continuar estudando Inglês e, por meio da língua inglesa, “fazer a diferença hoje no mercado de trabalho”, de Jaison, ressoa discursivamente em relação aos outros dizeres do mesmo enunciador (SD16), quando, ao enunciar, preconiza a língua inglesa para um bem-desempenhar de sua

⁵ Os nomes dos enunciadores são fictícios, a fim de resguardar a identidade dos sujeitos.

função. Tal relação intradiscursiva se estende ao campo do interdiscurso, quando Marcelo (SD15) afirma que “basicamente, toda a linguagem da informática é inglesa”, e que é “essencialmente importante” para sua profissão ter a língua inglesa.

Entendemos que, quando lançamos um olhar sobre um depoimento, conseguimos dele perceber uma espécie de historicidade silenciada, mas não apagada (BRANDÃO, 2004).

Pode-se perceber, aparentemente, que os dizeres de Jaison se inscrevem em um pensamento capitalista moderno, que, ainda que silenciado, emana um discurso de supervalorização da mobilidade social, sobretudo a de ascensão social, refletindo uma inscrição empreendedora de busca de sucesso. Essa inscrição do sujeito pode ser melhor compreendida a medida que se analisa o que Bakhtin (2004, p. 79) assevera sobre enunciação “ nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”.

Portanto, em sua enunciação, ainda que silenciada, há o produto de toda uma situação social em que ela surgiu. Cremos, ainda, que esse tipo de silêncio, constatado nos dizeres de Jaison, se dá por excesso⁶, pois, da maneira como observamos, o enunciador aparenta buscar mecanismos para escamotear seu pensamento por meio do excesso de dizeres. O que discernimos é que ele concebe a oralidade como saber da língua inglesa e percebe este saber como mola-propulsora econômica para si.

Jaison enuncia de maneira a nos levar a crer que se instaura um elemento de tensão, pois, aparentemente, ele busca uma justificativa para afirmar que continuará a estudar inglês e não se sente confortável para legitimar que o faria em busca da obtenção de melhores ganhos.

Isso nos leva a crer que há um processo tensivo instaurado pelo uso de elementos de pausa “eh”, por três vezes seguidas. Pudemos notar que, nas outras respostas dadas por esse enunciador, o termo “eh” aparece poucas vezes em meio as perguntas do roteiro AREDA proposto. Isso convalida a afirmação de que Jaison, ao utilizar o “eh” nessa resposta, não o faz por vício de linguagem, mas, por ter uma necessidade de justificar sua continuidade nos estudos da língua inglesa de forma a nos dizer que se trata de uma questão meramente de necessidade mercadológica, enquanto, na verdade, da forma que entendemos, seria um desejo pessoal.

Há, portanto, uma interpelação do sujeito quanto ao motivo pelo qual continuará a estudar inglês.

Percebemos também uma hesitação por parte de Jaison quanto a sua condição financeira, porque falar diretamente da procura por melhores condições salariais poderia expor suas condições da instância-sujeito como alguém de origem simples e que busca ascensão social.

⁶ Utilizamos o conceito de silêncio por excesso, tal como proposto por Villarta-Neder (2002 e 2004), ou seja, há um *excesso do dizer*, sob a forma de uma necessidade de reafirmar um sentido que pode ser interpretado como um silenciamento de um espaço polissêmico que emerge e incomoda o sujeito, obrigando-o a tentar evitar outros sentidos [os grifos são do autor].

Esse mesmo mecanismo de silêncio por excesso ocorre no trecho, em que Jaison busca silenciar a ideia de que a oralidade, para ele, é sinônimo do saber da língua inglesa

(SD26)

(Jaison): [...] O oferecimento da disciplina de Inglês Instrumental no curso de Sistemas de Informação é muito importante porque uma das maiores exigências para o profissional de TI, um profissional de Sistemas de Informação é conhecer o Inglês e então, dá assim o primeiro contato para aquelas pessoas que ainda não conhecem a língua, não tiveram contato com a língua e ajuda aqueles que já têm algum contato ou que já sabe alguma coisa ou que já tem algum curso já... é... ajudar a aperfeiçoar a língua.

Tal silenciamento pode ter ocorrido por se tratar de um aluno cujo depoimento será ouvido por seu professor, e isso pode ter feito com que ele circunstanciasse seu discurso.

O processo de representar a oralidade como sinônima do saber inglês pode ser ratificado nos trechos em que os entrevistados são indagados sobre as lembranças que trazem da aprendizagem de língua inglesa enquanto crianças: Marcelo evidencia uma representação de seu déficit cultural, ao afirmar que as lembranças que ele possui sobre a língua inglesa são básicas. Da mesma forma, Schiffer confirma tal representação ao assegurar que teria perdido boa parte do pouco que aprendeu por não praticar muito. Da forma que entendemos, o “praticar” de Schiffer pode ser tomado como sinônimo de falar Inglês.

Nota-se, também, que Jaison apresenta uma inscrição de que a oralidade se sobrepõe sobre as demais, pois, ao elencar as habilidades, tal sujeito primeiramente lista a fala, depois, a escrita e, somente depois, a leitura.

Há no discurso desse sujeito uma alteridade em relação às quatro habilidades, sendo que a fala ideologicamente ocupa, em seu imaginário, um lugar de domínio e de poder. Trata-se de pensar a língua como código, sendo que esse código, ao ser dominado pelo sujeito faz com que ele exerça sobre o outro um poder que esse outro não consegue exercer.

Ainda questionado sobre o oferecimento de um curso de língua inglesa instrumental por parte da Universidade, é possível afirmar que Marcelo e Schiffer assumem o mesmo posicionamento, ou seja, tanto este quanto aquele sujeito acreditam que é necessário fazer um curso fora da Universidade para aprender algo que não se aprenda na universidade. Isso deflagra que, para esses dois sujeitos, aprender inglês é aprender a oralidade (não ensinada na universidade). Dessa maneira, evidenciam que o real interesse para eles é a oralidade, conforme se percebe nas SDs 27 e 28.

Ao analisarmos as SDs 27 e 28, buscando, sobretudo, elementos textuais que remetem à oralidade como elemento legitimador do saber da língua inglesa, observa-

mos que Marcelo constrói uma espécie de silogismo silenciado⁷, ao afirmar que todo termo técnico na área da informática é em inglês. Todos estes termos são fundamentais para sua profissão. Ele quer ser reconhecido em sua profissão e, portanto, teria que aprender inglês.

Acreditamos ser relevante também focar a utilização do generalizador “todo” para argumentar que, basicamente, todo termo na informática é inglês. Isso, a nosso ver, é algo que mostra haver uma tentativa de Marcelo de atribuir um empoderamento à língua inglesa, pois, como muitos sistemas e *softwares* já são desenvolvidos, traduzidos e/ou trazidos para o Brasil, é sabido que o número de termos técnicos que ganharam versões e traduções em português brasileiro é significativo. Isso é refutado por Marcelo.

Esse mesmo enaltecimento da língua inglesa é percebido pelo uso do advérbio atribuído ao adjetivo “importante” em “essencialmente importante”. Trata-se de lançar mão de um elemento gramatical, cuja função primordial é reforçar o sentido de um adjetivo para salientar a importância de se aprender inglês.

Tais sequências discursivas de Marcelo não são as únicas em que captamos sua tentativa inconsciente de julgar o falar e o saber inglês como sinônimos. Notemos os trechos, nos quais isso também ocorre.

(SD27)

(Marcelo): Sim, seria muito importante um curso para melhorar a nossa habilidade de dialogar com *as* outras pessoas na Língua Inglesa, possibilitando um maior aprendizado e dinâmica com a Língua Inglesa.

(SD28)

(Marcelo): Pretendo estudar Inglês até o momento que eu possa conversar fluentemente e entender qualquer outro tipo de texto em Inglês

(SD29)

(Marcelo): Possuo alguns amigos da Internet que moram em regiões dos Estados *Unidos* e além disso sempre visito alguns sites em Inglês e jogos eletrônicos.

(SD30)

(Marcelo): A minha habilidade em ouvir a Língua Inglesa é bastante fraca; tenho pouco entendimento, principalmente quando é um nativo que está falando, já a minha habilidade de falar é melhor que a habilidade de ouvir. A

⁷ Entendemos por “silogismo silenciado” uma espécie de variação da noção de silêncio por excesso, em que é feita uma comparação entre termos de forma constitutiva, não mostrada. Nota-se que Marcelo constrói, implicitamente, duas premissas para, então, construir uma conclusão: premissa maior – todo termo técnico na área da informática é em inglês; premissa menor – inglês é fundamental para a área da informática; conclusão – para ser um bom profissional na área de TI, é preciso aprender inglês.

dificuldade mesmo é saber o significado da palavra, não a pronúncia. Agora, a minha habilidade de ler é a habilidade mais desenvolvida referente à Língua Inglesa. Não tenho total entendimento do texto, mas é a habilidade que me permite entender mais. Já a minha habilidade na escrita, considerando entre as quatro habilidades: falar, ler, ouvir e escrever, eu consideraria ela em segundo lugar. Primeiro a leitura, depois a escrita, depois o falar e após ouvir. O meu conhecimento em relação as minhas quatro habilidades não me permite ter um bom entendimento da Língua Inglesa, sendo assim, me sinto um pouco incapacitado.

Nessas quatro sequências discursivas (AREDA 08, 10, 13 e 14⁸), os termos “diálogo” (AREDA 08); “conversar fluentemente” (AREDA 10); “ter amigos com quem conversar na internet” (AREDA 13) e “compreendimento” (AREDA 14) deixam revelar o lugar em que Marcelo enuncia: o de alguém que, perguntado sobre questões como intenções para com o inglês pós-universidade e sobre contatos com a língua inglesa fora de sala de aula, retoma enunciações, a fim de marcar seu reconhecimento da oralidade como elemento preponderante na língua inglesa.

Vale esclarecer que o sujeito-participante Mauro também dialoga enunciativamente com Marcelo no sentido de supervalorizar a oralidade, conforme se nota na sequência discursiva 35 do roteiro AREDA proposto:

(SD31)

(Marcelo): Dentre as quatro habilidades, eu acho que escrever e ouvir seriam as mais necessárias, além, é claro, de falar.

Mauro silencia seu posicionamento pró-fala, ao listar escrever e ouvir como habilidades mais necessárias *a priori*. Ele, no entanto, lança mão da conjunção aditiva “além” e do advérbio “é claro”, para dar como óbvio o efeito de sentido de que saber inglês é falar inglês e que ouvir e escrever seriam, também, relevantes.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Ontem e hoje no ensino de línguas no Brasil, in: STEVENS, C.; CUNHA, M. J. C. (org.). *Caminhos e colheitas no ensino de inglês no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB. 2003.

⁸ Quando enunciamos AREDA, referimo-nos ao número da pergunta proposta no roteiro AREDA.

- _____. *Dimensões comunicativas no Ensino de Línguas*. Campinas. Pontes. 2005.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec. 2004.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 2004.
- GREGOLIN, M. do R. *Michel Pêcheux e Michel Foucault: diálogos e duelos*. Araraquara: Ed. da UNESP, 2004.
- GUILHERME DE CASTRO, M.F.F. O Discurso Midiático Institucional para o Ensino de Segundas Línguas, in: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. (org.). *Análise de Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios. 2004, pp. 197-209.
- MOITA LOPES, L. P. *Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação*. 2005; Conferência; TIRF.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PECHÊUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni P. Orlandi. 3 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.
- SERRANI-INFANTE, S. M. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA, in: SIGNORINI, I. & CAVALCANTI, M. *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 150-151.
- VILLARTA-NEDER, M. A. *Os movimentos de silêncio: espelhos de Jorge Luís Borges*. Araraquara, UNESP. Tese de Doutorado, 2002.
- _____. Silêncio da memória X memória do silêncio: uma parábola sobre efeitos de sentido, in: FERNANDES, C. A. et al. (org.). *Sujeito, identidade e memória*. Uberlândia: EDUFU. 2004a, p. 133-151.
- VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO da língua portuguesa. Academia Brasileira de Letras. 5 ed. São Paulo: Global. 2009.